



## MEMÓRIAS, HISTÓRIAS E NARRATIVAS SOBRE OS CASSINOS CARIOCAS: UM ESTUDO METODOLÓGICO

Antonio Tostes Baêta Vieira \*

### Resumo

O presente artigo, parte de uma pesquisa sobre três cassinos no Rio de Janeiro (Atlântico, Copacabana e Urca), tem por objetivo apontar caminhos, lançar questões sobre os usos e a realização de entrevistas e compreender os acessos que fazemos à memória ao tratarmos de um assunto pouco abordado pela historiografia. Assunto este que tem como especificidade o trato com classes, ditas, das elites sociais que, grosso modo, não são objeto de estudo da história oral. Nesta pesquisa consideramos o acesso que se faz à própria memória e quando se é indagado por outro. Esta questão se faz pertinente ao discutirmos a memória e sua veracidade onde utilizaremos o conceito de Paul Ricœur, mas ampliaremos um pouco mais a questão da verdade da memória quando tratarmos da memória do outro.

**Palavras-chave:** Memória; História oral; Cassino.

\*Bacharel e licenciado em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)  
Mestre em Memória Social pelo pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)  
antoniotostes@gmail.com

## Introdução aos jogos e aos cassinos

Originalmente indissociáveis da aristocracia, o próprio termo ‘cassino’, conforme indica Parvulesco (2008) em sua obra *Casino: plaisir du jeu*, vem do diminutivo de *casa* na língua italiana. O autor nos aponta o ano de 1574 como o de surgimento do primeiro cassino, nos moldes como os conhecemos, na cidade de Florença, sendo rapidamente adotado em Veneza. Os primeiros cassinos surgiam nos *pallazi*, fazendo com que os nobres descessem dos andares superiores para se dedicar a encontros e diversões no piso localizado junto à rua e ao jardim, fazendo esses espaços íntimos e semi-públicos ao mesmo tempo.

Os jogos de azar são, segundo Parvulesco (2008), oriundos das práticas divinatórias ainda na Antiguidade – que o autor parece indiscriminadamente definir como um período ainda anterior à formação do Império Romano – de leitura de entranhas de animais, interpretação dos sonhos, lançamentos de pedregulhos ou ossinhos de animais sobre a areia no intuito de analisar e interpretar os traços e sinuosidades deixados. Os soldados romanos constam dos primeiros registros de jogos de dados, lançando apostas de valores significativos e dispondo de um período razoável de tempo à prática. Com o advento da Era Cristã, tais práticas pagãs e socialmente perturbadoras são condenadas. A Igreja se torna, então, a primeira inimiga dos jogos de azar.

Mesmo numa civilização de tipo industrial, fundada sobre o valor do trabalho, o gosto pelos jogos de azar continua extremamente forte, pois estes propõem um meio exatamente contrário de ganhar dinheiro ou, nas palavras de Th. Ribot, “a fascinação em adquirir de uma tacada só, sem esforço, num instante”. Por isso a sedução permanente das loterias, dos cassinos, das apostas nas corridas de cavalos ou em jogos de futebol. Na paciência e no esforço que nos rendem pouco, porém de forma segura, esta sedução substitui o vislumbrar de uma fortuna instantânea, a possibilidade repentina do lazer, da riqueza e do luxo. (CAILLOIS, 1967: 279, tradução nossa, grifo do autor).<sup>2</sup>

Mesmo se referindo à sociedade contemporânea, Caillois (1967) nos define no texto supracitado um dos aspectos do que está inserido nesta fascinação que os jogos de azar exercem: a possibilidade de riqueza. O segundo aspecto indissociável desta categoria de jogo, conforme vimos em Parvulesco (2008), e que exerce fascinação sobre o homem, diz respeito a seu caráter divinatório e irreal intrínsecos, até os dias atuais, à sorte. Avançando nossa análise

---

<sup>2</sup> “Même dans une civilisation de type industriel, fondée sur la valeur du travail, le goût des jeux de hasard demeure extrêmement puissant, car ceux-ci proposent le moyen exactement inverse de gagner de l’argent, ou, selon la formule de Th. Ribot, « la fascination d’acquérir d’un bloc, sans peine, en un instant ». D’où la séduction permanente des loteries, des casinos, des paris mutuels sur les courses de chevaux ou sur les matches de football. A la patience et à l’effort qui rapportent peu, mais sûrement, cette séduction substitue le mirage d’une fortune instantanée, la possibilité soudaine du loisir, de la richesse et du luxe.”

deste segundo aspecto, ou observando-o como um terceiro, consideramos que o prazer e a ilusão dos jogos absorvem completamente seus jogadores. Johan Huizinga (2007), referindo-se não apenas aos jogos de azar, nos diz:

Todo jogo é capaz, a qualquer momento, de absorver inteiramente o jogador. Nunca há um contraste bem nítido entre ele e a seriedade, sendo a inferioridade do jogo sempre reduzida pela superioridade de sua seriedade. Ele se torna seriedade e a seriedade, jogo. É possível ao jogo alcançarmos extremos de beleza e de perfeição que ultrapassam em muito a seriedade. (HUIZINGA, 2007: 11).

Na sociedade contemporânea os jogos de azar estão diretamente associados a vários aspectos negativos; num aspecto religioso o jogo é diretamente relacionado ao ócio, tanto pelo momento de sua realização quanto pela sua possibilidade de riqueza imediata sem o esforço do trabalho. Conforme Max Weber (2009), o ócio, sendo a perda de tempo, é o primeiro dos pecados afastando o homem da virtude do trabalho e da glorificação a Deus. A perda de tempo na vida social, em conversas ociosas, em luxos e mesmo em dormir mais que o necessário para a saúde, de seis até o máximo de oito horas, é merecedora de absoluta condenação moral. (WEBER, 2009: 123-124).

Após a Renascença, segundo Parvulesco (2008), grandes salões de jogos faziam parte dos palácios mais nobres. Ainda sem a roleta, os maiores atrativos nas cortes europeias eram “*biribisso*” e “*pharaon*”, sendo o primeiro uma loteria e o segundo um jogo de cartas. *Pharaon* talvez seja o jogo mais antigo dos cassinos, proibido, assim como muitos outros, após a Revolução Francesa, tem suas regras próximas do posteriormente conhecido “*trente et quarante*”, jogo que, por sua vez, inspirou o famoso *blackjack* (PARVULESCO, 2008: 31). Era o jogo preferido de Maria Antonieta, a célebre rainha famosa por seus excessos, luxos e luxúria. Com os preceitos revolucionários, os jogos são proibidos em Paris, contribuindo, de certo modo, para o momento áureo dos grandes cassinos<sup>3</sup> na Riviera, associando-os, além dos jogos e apresentações artísticas, aos benefícios das estâncias termais e do clima mediterrâneo.

Com esse brevíssimo resumo de aparição dos cassinos na Europa, suas apropriações (exemplificado em sua expressão máxima por Maria Antonieta) e deslocamento para a região sul da França (onde até hoje está situado o mais famoso de todos: o cassino de Monte-Carlo no principado de Mônaco), podemos compreender os valores comumente associados aos cassinos<sup>4</sup>. Dentre os negativos apontamos o prazer, em amplo sentido; e o ócio, dado tanto pela improdutividade do jogo quanto pela riqueza, como vimos em Weber (2009), condenado pelos dogmas religiosos.

---

<sup>3</sup> Os cassinos conhecem seu apogeu entre o fim do século XIX e primeiro quarto do século XX. (PARVULESCO, 2008: 118)

<sup>4</sup> Em nossa pesquisa, não temos a intenção de enumerar, tampouco discorrer, tais valores. Preferimos diluí-los ao longo do texto, numa tentativa de evitar absolvições ou julgamentos morais.

Para o sociólogo Renato Ortiz (1998), o ócio nasce intrínseco às necessidades do aristocrata em garantir a sua representação social de prestígio, assim como a apropriação e os gastos com o luxo. “Consumação da riqueza e do tempo são valores essenciais de sua ética do *otium*, que rechaça o trabalho manual do artesão e do camponês, ou o *neg-otium* dos comerciantes” (ORTIZ, 1998: 123). De acordo com Ortiz, o conceito de luxo após diferentes apropriações ao longo dos séculos, associa-se ao consumo com o surgimento dos *grands magasins* parisienses e das exposições internacionais.

Pelo luxo, nos cassinos, perpassam aspectos aristocráticos de destacamento e integração social, assim como aspectos de consumo, ao estilo de uma burguesia, nascidos em fins do século XIX. Num certo sentido, o cassino permite essa congruência dado ao que está ali representado em seus palcos, jogos e frequentadores, ou seja, um mundo de sociabilidade em seu mundo de *faz de conta*, o que não significa ser um mundo mentiroso, mesmo com os seus desvios da realidade. “É o jogo do “faz de conta”, faz de conta que todos são iguais, e, ao mesmo tempo, *faz de conta que cada um é especialmente honrado*” (SIMMEL, 2006: 71, grifo do autor).

Tratando ainda dos valores dados ao jogo, apontamos que em seu aspecto psicológico ele pode levar ao desenvolvimento de um vício gerando uma patologia psicossocial. Segundo estudos publicados por Minet (2004), *Du plaisir du jeu à la souffrance: une enquête sur le jeu et la dépendance au jeu*,

O jogo de azar é um fenômeno presente em todas as camadas da população e a cada cultura. Estudos mostram que os jogadores são mais numerosos que os não-jogadores. Para a maioria dos jogadores, o jogo é uma forma de relaxar e se divertir. No entanto, alguns não conseguem mais controlar seu comportamento de jogo, eles jogam dia e noite e desenvolvem uma dependência pelo jogo. (MINET, 2004: 5, tradução nossa).<sup>5</sup>

Independentemente dos aspectos negativos que lhes são associados, os jogos de azar são largamente difundidos no mundo todo. O maior exemplo de que os cassinos despertam curiosidade e interesse é a cidade americana de Las Vegas que vive do turismo nacional e internacional diretamente ligado a seus vários cassinos. Douglas Walker (2007) afirma que os lucros dos cassinos americanos alcançaram no ano de 2003 uma renda acima de 26 bilhões de dólares. Partindo da premissa de que a memória parte do tempo presente, creio que seja pertinente, de forma insólita, fazer uma apresentação do autor da pesquisa.

---

<sup>5</sup> “Le jeu de hasard est un phénomène propre à toutes les couches de la population et à chaque culture. Les étuds démontrent que les jouers sont plus nombreux que les non-joueurs. Pour la majorité des joueurs, le jeu est une forme de détente et d’amusement. Or, certains ne parviennent plus à contrôler leur comportement de jeu, ils jouent jour et nuit et développent une dépendance au jeu.”

Na costa leste americana, no ano de 2004, tive uma experiência de trabalho no Mohegan Sun Casino (na cidade de Uncasville, Connecticut/EUA). Durante este período tive a oportunidade de conhecer várias esferas do cassino, seu cotidiano entre os clientes e empregados. De volta ao Brasil, no mesmo ano de 2004, comecei a trabalhar no Hotel Sofitel do Rio de Janeiro que ocupa um prédio interligado ao Shopping Cassino Atlântico. Apesar da demolição do prédio onde funcionou o Cassino Balneário Atlântico nos anos de 1970, trabalhava cotidianamente em um espaço que me remetia ao antigo cassino carioca. Conhecer estes ambientes é uma experiência única que me fez buscar histórias sobre os cassinos famosos dos quais sempre ouvi falar: Urca, Atlântico e Copacabana. Contudo, este *sempre ouvi falar* referido na frase anterior me remete à figura familiar que primeiro me contou sobre os cassinos, minha avó. Chamada de Dindinha, pois nunca soubera lidar com o ‘peso’ do termo ‘avó’, ela era uma frequentadora e jogadora de cassinos. Foi a Dindinha quem me apresentou as primeiras regras de jogo, narrava histórias dos cassinos no Brasil com seus grandes artistas e espaços de luxo.

A apresentação das memórias do autor deste trabalho indicará os pontos de partida e de realização da pesquisa. E mostrará, sobretudo, os caminhos que levaram à redação de sua dissertação de mestrado junto ao Programa de Pós-Graduação em Memória Social da UNIRIO, bem como as escolhas e justificativas para escrever em determinados momentos na primeira pessoa do discurso, fato pouco comum em pesquisas acadêmicas. Para que o trabalho fosse concluído e considerando os conceitos do programa no qual a pesquisa se desenvolveu, não poderíamos desconsiderar as memórias do autor, o trabalho com entrevistas (realizadas e/ou consultadas) e publicações de memórias e narrativas. Para a realização e análise de entrevistas baseamo-nos nos preceitos de Memória e História Oral, porém, grosso modo, esta última pauta-se, sobretudo em estudos na América Latina, em dar voz aos excluídos. Conforme vimos na introdução deste artigo, os cassinos estão, intrinsecamente, associados às elites desde seu surgimento no início da Idade Moderna, e a pesquisa que realizamos usou como objetos de análise três cassinos frequentados pelas classes sociais, ditas, mais altas.

### **Os conceitos aplicados e os cassinos cariocas**

No âmbito dos primeiros estudos em Memória Social, afirmamos que o que incitou o autor a seu objeto de pesquisa está imbuído do conceito de memória coletiva defendido por Halbwachs (1990). Os sentimentos de confraternização e o encantamento pelas histórias narradas por Dindinha, seguramente, foram fatores importantes do que ele identificou em suas experiências ao trabalhar no cassino estadunidense Mohegan Sun; da mesma forma, podemos afirmar, que tais sentimentos eram revividos quando ele ouvia as histórias dos colegas que

trabalhavam no Hotel Sofitel do Rio de Janeiro e no Shopping Cassino Atlântico. Histórias fragmentadas e oriundas de relatos feitos a partir das memórias de sua avó; segundo esta, uma *época de ouro* na qual as noites eram sempre animadas e elegantes. Estas histórias narravam um desencantamento e uma degradação das noites da cidade, tendo, pontualmente, em um de seus marcos, a proibição dos jogos no Brasil. Muitas vezes Dindinha dizia: ‘Aí veio o Dutra e acabou com tudo’. Benjamin afirma que “metade da arte narrativa está em evitar explicações” (1994: 203), e assim, essas histórias não eram explicadas. Quando indagada sobre a origem de qualquer coisa que desconhecesse, Dindinha dizia que era muito antigo e do tempo do índio, ou seja, algo muito distante, obscuro e desconhecido, e assim estava concluída a sua resposta explicativa.

A verdade é que no Brasil, não temos referência de um primeiro cassino, talvez por isso Dindinha não respondesse à pergunta. Em nossas pesquisas verificamos que alguns registros apontam, porém, a existência de casas destinadas a jogos de azar desde o tempo do Império. “Os jogos de azar no Brasil [...] existem desde o século XIX, tendo o Rio de Janeiro como um de seus principais núcleos, uma vez que sua difusão é legado da corte portuguesa.” (ROSSONI, 2001: 15). As datas não são precisas e uma pesquisa de levantamento de alguns dados é necessária. Ruy Castro afirma em *Carmen: uma biografia* que

O cassino do Copacabana Palace era o mais antigo: nascera junto com o hotel, em 1923, mas o jogo levava uma vida atribulada na República Velha e estivera proibido durante quase todo o governo Washington Luiz, de 1926 a 1930. Com Getúlio no poder, o jogo voltou em 1932 e o Copacabana foi o primeiro a reabrir. (CASTRO, 2005: 136).

Ricardo Boechat no livro comemorativo de 80 anos do hotel, *Copacabana Palace: um hotel e sua história*, afirma que “durante a construção do Copacabana Palace, uma lei federal restringiu o jogo às estâncias hidrominerais, e a partir de 1924 com o hotel recém-inaugurado, essa atividade foi proibida em todo o território nacional.” (BOECHAT, 1998: 36). De fato, localizamos em nossas pesquisas um apelo de manutenção de posse que a Sociedade Anonyma Companhia Atlantica (exploradora do cassino do Copacabana Palace) fazia à Procuradoria da República, conforme registro do Diário Oficial da União de 27 de janeiro de 1925, e que nos mostra, ao longo do texto publicado, o repúdio aos jogos de azar, os quais o Terceiro Procurador da República Dr. Carlos Olytho Braga denomina, em seus próprios termos, ilegítimo.

O que tanto Castro (2005) quanto Boechat (1998) afirmam é a liberação dos jogos em 1932, sendo o Copacabana Palace o primeiro a (re)abrir seu cassino, que conforme afirma Boechat, sempre foi terceirizado já que o proprietário do hotel Octávio Guinle nunca quis explorá-lo diretamente, exigia apenas que os serviços de comida e bebida fossem exclusivamente fornecidos pelo hotel.

O que nenhum dos autores pesquisados contesta são as datas de inauguração dos três cassinos que tomamos como objeto de estudo nesta pesquisa: o Cassino Copacabana Palace (oficialmente denominado Copacabana Casino-Theatro) inaugurado em 1932, o Cassino da Urca (Casino Balneário da Urca) inaugurado em 1933 e o Cassino Atlântico (Casino Balneário Atlântico) aberto em 1935; todos funcionaram até o decreto-lei em 1946 que proibira a exploração de jogos de azar no país. Estes três cassinos formaram o que chamamos de Trio de Luxo das casas de jogos no Rio de Janeiro rivalizando entre si a presença de políticos, ilustres da sociedade, jogadores e artistas nacionais e internacionais (estes últimos tanto em seus palcos quanto em suas mesas).

No âmbito artístico, os cassinos recebiam com toda pompa cantores internacionais, mas no seu cotidiano eram os artistas nacionais que faziam os espetáculos. Numa época anterior à Bossa Nova, a cultura brasileira era bastante difundida no exterior, sobretudo, conforme indica Ruy Castro (2005), com a ida de Carmen Miranda aos Estados Unidos e com a presença de Ary Barroso como músico do estúdio cinematográfico de Walt Disney. Notifica-se inclusive a presença do próprio Disney no Cassino da Urca quando de sua visita ao Brasil.

Disney e sua equipe ficaram tão empolgados com a cidade que acabaram criando o Zé Carioca, um personagem que estreou no seguinte filme deles, *Alô amigos*. No término desta produção cinematográfica, se veem os principais redutos de jogo da Baía de Guanabara, em sua ordem de importância: Copacabana, Atlântico e finalmente o Cassino da Urca, onde a câmera se afasta mostrando o cenário da praia, precedendo o *The End*. (PERDIGÃO; CORRADI, 2012: 262-263).

Os artistas que se apresentavam nos cassinos, sobretudo os cantores, eram conhecidos do grande público, principalmente pelo fato desta época (anos 30/40) o rádio ser um grande veículo de comunicação e propaganda, inclusive política (SEVCENKO, 2002). E muitos artistas que se apresentavam no rádio também se apresentavam nos cassinos, sendo inclusive, alguns programas de rádio transmitidos diretamente dos cassinos. Perguntamo-nos o que permitia a inclusão e aceitação de artistas de grande popularidade junto às classes menos nobres e, em muitos casos, os próprios artistas oriundos dos subúrbios, da Lapa e das favelas. Muitos artistas internacionais fizeram apresentações memoráveis nos cassinos, como Josephine Baker, Jean Sablon e Henri Salvador, contudo, conforme indica Castro (2005), os nomes mais ovacionados eram “O Rei da Voz”, “O Rei das Multidões” e a “Pequena Notável”, o que poderia haver de mais *popular*?<sup>6</sup>

---

<sup>6</sup> A apropriação que fizemos do termo popular, bem como de cultura popular, não está associada a “uma concepção de mundo das classes subalternas, como o é para Gramsci” (ORTIZ, 2006: 72), também não o associamos à ideia de folclore, tampouco a uma forma de consciência política, como o é para os que pensam em cultura popular como uma forma de militância política. A apropriação que faremos de popular, ao tratarmos de tais músicas e seus artistas, associa música popular e/ou artista popular àquele

Os grandes cassinos da cidade do Rio de Janeiro foram palcos de muita pluralidade onde se valorizava a presença de clientes oriundos de boas famílias da sociedade, mas também recebia os menos afortunados ambiciosos de qualquer fortuna (CASTRO, 2005). Funcionando inclusive em dias de semana, geraram muitas rendas, muitos empregos, revelaram talentos, exigiam em certos dias traje *black-tie*. Mas, todo esse *faz de conta* dos cassinos era, pensamos, a porta de entrada dos fundos (bastidores) para que artistas do rádio, mesmo os negros (a exemplo de Grande Otelo), chegassem à boca de cena.

As notas sociais das revistas e jornais da época destacavam a elegância e boa frequência de seus salões, mas ao mesmo tempo as denúncias e críticas ao jogo, ao vício e aos prazeres mundanos praticados também eram presentes. Os jogos eram legalmente permitidos no Brasil, mas as propagandas e convites veiculados não faziam nenhuma alusão ao jogo, às possibilidades de ganhos e às estruturas do que estava diretamente relacionado ao carteadado e à roleta. Em contrapartida, conforme percebemos em nossas pesquisas, os anúncios da Loteria Federal eram constantes na época, sobretudo nos jornais.

Em nossas primeiras pesquisas em bibliotecas, museus e arquivos, percebemos que havia pouco material referente a estes cassinos cariocas, não diríamos uma escassez, mas preferiríamos afirmar que há uma repetição das mesmas fontes. É importante ponderar que quando dizemos *pouco* material, tínhamos como premissa o encontro de um amplo e diversificado arquivo, sobretudo de fotos e vídeos dos cassinos, por serem espaços de uma elite política e de grande expressão artística, entre tantas outras formas de representação. Muitas histórias são recontadas em livros que dão um tom romanceado a seus objetos – como algumas biografias – ou livros que contam a cidade do Rio de Janeiro, dando-nos a sensação de que são histórias contadas, recontadas e valorizadas, tomando, em certo sentido, um caráter de verdade e fidedignidade.

Será possível compreender estes ambientes considerando a conjuntura política do país, analisar como se davam as relações entre os frequentadores dos cassinos por nós estudados e o conjunto das relações e dos interesses pessoais e políticos? Os cassinos eram espaços abertos diariamente e ambientes de encontros que propiciavam e selavam muitos acordos, como o que permitiu a Assis Chateaubriand retirar Carmen Miranda, contratada de Joaquim Rolla, da Rádio Mayrink Veiga e integrá-la ao elenco de sua Rádio Tupi (CASTRO, 2005); ou ainda, conforme narrado em depoimento pela Sra. Cibele Coelho (2012), o espaço de refúgio de uma solteirona notívaga que se vestia elegantemente e saía para apostar nas mesas de jogos do cassino e assim ganhava algum dinheiro para depois emprestá-lo a juros. Num interesse e tentativa de revisitar algumas dessas memórias, buscamos compreender o funcionamento desses três cassinos cariocas: Copacabana, Atlântico e Urca; e, através destes espaços fechados e noturnos, mais do

---

que tem prestígio junto à massa em virtude do veículo de comunicação, o rádio, e que é de interesse comercial da indústria fonográfica e demais beneficiados por esse mercado.



que uma análise de seus frequentadores, pretendemos, através de seus depoimentos, ouvir suas histórias na intenção de penetrar naqueles salões e conhecer este grupo da sociedade brasileira que propiciou o interesse de alguns por investir e explorar esses ambientes caros, onde era preciso, para manter a grande frequência, associar o funcionamento de um bom restaurante, um bom espaço cênico (tanto físico quanto humano), excelentes espaços de jogos e recriar uma elegância europeia durante, inclusive, um período em que o mundo passou pela Segunda Grande Guerra e a Europa não ostentava mais tanto luxo, nem tampouco a alegria dos trópicos.

Aos buscarmos documentos, como jornais e revistas, imediatamente posteriores ao fechamento dos cassinos, verificamos que o assunto foi pouco abordado; logo, levantamos a hipótese de que houve um silenciamento por parte da imprensa. A partir desta verificação, perguntamo-nos os motivos que deixariam estes ambientes tão predicativos intocados – no exercício de suas funções de cassino – após sua interdição. Assim, prosseguimos nossas pesquisas em busca de uma justificativa e compreensão, segundo nossas hipóteses, do que conduziu e propiciou o silenciamento imediato ao encerramento das atividades dos cassinos, conforme constatamos em nossas pesquisas em periódicos da época e em algumas obras que abordam, mesmo indiretamente, o tema. A Igreja e os interesses, políticos e pessoais, são considerados os mais influentes na decisão que culminou ao decreto proibitivo assinado pelo ex-presidente General Dutra; contudo, ao refletir o poder financeiro de seus proprietários, a influência dos artistas nas rádios e a relação que alguns empresários dos jogos tinham com grandes jornalistas e radialistas – como o caso da amizade entre Joaquim Rolla (proprietário do Cassino da Urca) e Assis Chateaubriand (dono dos Diários Associados), conforme nos indicou em depoimento a Sra. Diva Cavalcanti (2011), última companheira de Rolla –, pensamos nos motivos que levariam ao silenciamento dos cassinos. A sociedade, em suas diversas esferas, aceitou aparentemente sem protestos a proibição da roleta, enquanto via e praticava as loterias federais, as corridas de cavalo e os bingos beneficentes que eram propagandeados cotidianamente; sem falar nos cassinos que mantiveram suas atividades clandestinamente e no jogo do bicho. Este último, segundo Perdigão e Corradi (2012), mesmo na ilegalidade, superava em números a movimentação financeira dos cassinos.

Apesar de não ser nosso objeto de estudo, devemos apontar a presença dos cassinos clandestinos que permeia em diversos momentos os discursos de nossos narradores e, conseqüentemente, permeia também a nossa pesquisa. Mais ainda, pelo lugar acadêmico de produção desta dissertação, não podemos desconsiderar as memórias do autor, onde a clandestinidade do jogo também se faz presente. Afinal de contas, as viagens que Dindinha fazia para jogar após a interdição dos cassinos não se davam apenas no Uruguai, mas também por cidades do interior do Rio de Janeiro e de Minas Gerais.

Consideramos instituições os cassinos, já que as instituições não existem sem suas identificações e hábitos que permitem sua identidade, ou seja, acreditamos que havia um

imaginário da instituição cassino que a diferia de outras e permitia que tivesse suas próprias ‘regras de jogo’ onde poderiam coexistir alta sociedade e ávidos de riqueza fácil, samba e champanhe, sorte e azar, ver e ser visto. Em nossos estudos, a historicidade deste grupo deve ser considerada.

As instituições têm sempre uma história, da qual são produtos. É impossível compreender adequadamente uma instituição sem entender o processo histórico em que foi produzida. As instituições, também, pelo simples fato de existirem, controlam a conduta humana estabelecendo padrões previamente definidos de conduta, que a canalizam em uma direção por oposição às muitas outras direções que seriam teoricamente possíveis. (BERGER, LUCKMANN, 2010, p. 77).

Considerados os estudos realizados sobre os cassinos no Brasil, percebemos pouco aprofundamento histórico em textos que muitas das vezes são escritos num tom nostálgico ou até mesmo romanceado. Algumas obras como o livro escrito em homenagem aos 80 anos do Copacabana Palace por Ricardo Boechat (1998) ou as biografias de Carmen Miranda por Ruy Castro (2005) e de Heleno de Freitas por Marcos Eduardo Neves (2012), dedicam no máximo um capítulo aos cassinos. E a biografia *O Rei da Roleta: a incrível história de Joaquim Rolla* de João Perdigão e Euler Corradi (2012) aborda um pouco mais o Cassino da Urca, mas sob o viés da vida de seu proprietário e seus grandes feitos. Estes cassinos tiveram grandes estrelas em seus palcos, grandes festas e réveillons, mais do que o jogo, as suas relações sociais eram privilegiadas, entretanto nenhuma obra registra suas histórias e memórias; e as poucas existentes fundamentam-se mais em uma pesquisa jornalística do que histórica. Livros como o que Ruy Castro (2005) dedica à Carmen Miranda faz uma alusão aos cassinos totalmente direcionada a sua “personagem” recriada e até de certa forma romanceada. Em todas as pesquisas em livrarias, bibliotecas e *sites* de Internet não encontramos nenhum livro dedicado aos cassinos cariocas, as únicas obras publicadas com as quais tivemos contato foram sobre o Cassino Guarani na cidade de Iraí (RS) da pesquisadora Sirlei Rossoni (2001) numa publicação oriunda de sua própria dissertação em História na Universidade de Passo Fundo; e a obra *Apostas encerradas: o breve império do Cassino Quitandinha* de Flávio Neves (2009) que, apesar de ter patrocínio da GE Celma e do Ministério da Cultura, possui venda apenas sob encomenda no *site* do próprio autor.

### **Memórias individuais, coletivas e institucionais**

Para a realização da pesquisa usamos como documentos: periódicos, fotos, programas de espetáculos e de festas oferecidas pelos cassinos, mas, principalmente, relatos de pessoas que vivenciaram aquelas noites ou de pessoas que guardam acervos e histórias dos frequentadores dos cassinos, dos artistas e demais empregados. Dentre nossas fontes

orais, tem-se entrevistas coletadas especificamente para a realização deste trabalho, depoimentos publicados que não tratam especificamente dos cassinos, mas que nos beneficiam, tais como: a compilação de entrevistas sobre o bairro da Urca (COSTA, 1998), as memórias de Carlos Machado (MACHADO; PINHO, 1978) e de Jorginho Guinle (GUINLE, 1997), os depoimentos encontrados na publicação de Arnaldo Bloch (2008) sobre os irmãos Bloch (Adolpho, Arnaldo e Bóris) fundadores do grupo de comunicações Manchete; a biografia de Roberto Marinho repleta de citações oriundas de diários e correspondências pessoais do próprio biografado (BIAL, 2005); e entrevistas do acervo *Depoimentos para a Posteridade* disponíveis no Museu da Imagem e do Som do Rio de Janeiro em vídeo e/ou áudio.

Em qualquer pesquisa onde trabalhamos a memória – ou as memórias – busca-se uma recriação de um determinado fato, mesmo quando consideramos as suas mais variadas rememorações. A questão da parcialidade do observador (assim como do leitor) torna-se clara se considerarmos o fato rememorado não exatamente como aquilo que aconteceu certa vez em determinado lugar. Mas sim sendo este o contato de certo alguém com certo fato ocorrido certa vez em certo lugar; num olhar bastante crítico de alguns estudiosos da memória (a exemplo de Halbwachs (1990), Namer (1987) e Nora (1993), entre outros), este caráter de oficialidade do passado reconstruído se daria entre alguns historiadores ou seria próprio à História. A parcialidade obrigatória do pesquisador começa pelo fato dele próprio fazer parte do seu objeto. O pesquisador age no imediatismo de um novo fato: seu contato com documentos. Qualquer pesquisa de fontes implica a criação de um evento, evento no qual ele é um dos protagonistas. Outra observação precisa ser feita: o fato rememorado é, de certa forma, uma criação/eleição do pesquisador.

Para a realização e análise de entrevistas (incluindo a análise de memórias e depoimentos apontados em nossas fontes) acreditamos serem pertinentes algumas considerações. Primeiramente acerca da memória, pensando-a em seu âmbito humano e individual, considerando o indivíduo inserido em suas múltiplas facetas sociais. Acreditamos que a memória de um sujeito pode ser expressa de formas bastante variadas: artes plásticas, música, escrita, arquitetura, entre outras; contudo, talvez a mais usual seja através da fala, da oralidade, da narrativa, ou seja, memória de si mesmo que é constantemente acessada quando nos expressamos verbalmente. Para nos ajudar a compreender alguns dos aspectos sociais de construção dessa memória utilizaremos o conceito de memória coletiva do sociólogo Maurice Halbwachs. Este conceito permeia todo este trabalho, sobretudo quando levamos em consideração a afirmação de Halbwachs ao dizer que “um homem, para evocar seu próprio passado, tem frequentemente necessidade de fazer apelo às lembranças dos outros.” (HALBWACHS, 1990: 54).

Considerando a memória individual implícita à coletiva, buscamos a compreensão dos acessos que fazemos à memória de nossos interlocutores ou mesmo terceiros; estes últimos sendo aqueles que nos narrariam histórias contadas por outrem. Outra questão ainda pertinente à entrevista, e que não devemos descartar, diz respeito ao lugar de realização da entrevista e das relações que se estabelecem neste pequeno grupo que se forma.

Jacques Le Goff em sua obra *História e Memória*, considerando o que ele chama de ‘memória eletrônica’, afirma que esta

só age sob a ordem e segundo o programa do homem, que a memória humana conserva um grande setor não-‘informatizável’ e que, como todas as outras formas de memória automáticas aparecidas na história, a memória eletrônica não é senão um auxiliar, um servidor da memória e do espírito humano (LE GOFF, 1996: 468-469).

Esta afirmação, de forma indireta, nos levou a pensar em dois acessos diferentes à memória: aquele quando o indivíduo incita a si mesmo, e quando o indivíduo é estimulado exteriormente por um outro a rememorar. Temos, portanto, o acesso que fazemos nós mesmos a nossa própria memória e o acesso que fazemos em nossa memória quando somos indagados por outro, ou seja, dentro do mote retirado do trecho supracitado de Le Goff, o homem age sobre a ‘memória eletrônica’, mas, e quando o próprio homem age sobre a memória de outro indivíduo? Esta questão, pensamos, faz-se pertinente ao discutirmos a memória e sua veracidade onde utilizaremos o conceito do filósofo Paul Ricœur (2000), mas ampliaremos um pouco mais a questão da verdade da memória quando tratamos da memória do outro, como durante uma entrevista, por exemplo. Com qual olhar devemos analisar a memória do sujeito que fala (a primeira pessoa do discurso: *eu, mim*) quando este faz um relato a seu interlocutor (a segunda pessoa do discurso: *tu, ti*)? E quais são os momentos desta troca existente no período anterior e no decorrer de uma entrevista?

Não devemos, contudo, esquecermo-nos de que as entrevistas tratarão não somente de pessoas que estiveram – mesmo indiretamente – ligadas aos cassinos, mas dos próprios cassinos em si; seus funcionamentos, suas rotinas, suas trajetórias de ascensão e ruptura. O prédio do Cassino da Urca, por exemplo, é considerado um patrimônio de valor histórico e cultural, sendo tombado pela Lei nº 5.076 de 15 de setembro de 2009 (RIO DE JANEIRO, 2009). Para o antropólogo José Reginaldo Santos Gonçalves,

Os discursos do patrimônio se articulam enquanto narrativas, nas quais se relata a história de uma determinada coletividade, seus heróis, os acontecimentos que marcaram essa história, os lugares e os objetos que “testemunharam” esses acontecimentos. Os que narram essa história o fazem sob a autoridade da nação, ou

de outra coletividade qualquer, cuja memória e identidade são representadas pelo patrimônio. (GONÇALVES, 2007: 142).

Conforme nos indica Gonçalves (2007), aqueles que concederão entrevistas ganham, em certo sentido, autoridade de quem falará em nome do cassino, por isso devemos sempre ter em conta que o levantamento de dados prévios à entrevista não se restringe apenas ao indivíduo, mas também a outros aspectos, ditos, macros, do lugar físico e temporal de existência dessas casas de jogos.

Proibidos no Brasil desde 1946, os cassinos não fazem mais parte do nosso cotidiano. Os documentos que os retratam, como percebemos, são poucos, e os que existem em maior volume – como os jornais e revistas da época – os retratam de certa forma tendenciosa, já que a imprensa apoiava bastante o posicionamento da Igreja, conforme veremos a frente, que era contra o funcionamento dos mesmos. Entretanto, as histórias que permeiam os cassinos são muitas, porém poucos são aqueles que de fato experimentaram aquelas noites de jogos, apresentações e grande movimentação social, sobretudo se considerarmos o trio de luxo dos cassinos cariocas aqui pesquisados. Esta é a razão que nos levará a usar também como fontes os relatos de pessoas que vivenciaram aquelas noites ou de pessoas que guardam acervos e histórias das famílias, artistas e demais empregados dos cassinos. Acreditamos que “ouvir” nos daria a possibilidade de trazer histórias de um passado pouco registrado. “Os historiadores, através de um trabalho minucioso, podem encontrar e colocar em dia uma quantidade de fatos grandes e pequenos que julgaríamos definitivamente perdidos, sobretudo se tiverem a oportunidade de descobrir memórias inéditas”. (HALBWACHS, 1990: 81); e incluímos aqui os historiadores orais. Essas histórias narradas muito nos dirão sobre os fatos em sua realização, bem como sobre as sensações e outros aspectos mais sutis que as fontes escritas não contemplam.

Segundo o filósofo Walter Benjamin em *O Narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov* (1994), normalmente o narrador começa dizendo das circunstâncias de onde vieram suas histórias, um aspecto interessante que, acreditamos, já nos trará informações imprescindíveis na tentativa de reconstrução daquelas redes sociais, artísticas, políticas e patrimoniais que se teciam. A seleção, realização e cruzamento de entrevistas perpassam a todo instante por uma questão central: a memória. A questão da memória nos remete à retórica, o entrevistado/narrador ao conceder o seu depoimento, ao construir sua narrativa sempre tem algum objetivo, algum interesse. O pesquisador ao realizar as entrevistas acreditando que os entrevistados não possuem objetivos, estará cometendo um grande equívoco. Sempre existe um motivo para conceder a entrevista e uma forma como é construída essa narrativa, ou seja, cabe ao pesquisador compreender, investigar quais são esses objetivos, já que ele, o pesquisador, pode ser considerado, de certa forma, um produtor de memórias, pois é ele quem indaga, quem

estimula o lembrar, o relato de acontecimentos do passado, sejam eles de âmbito pessoal ou social, sem, no entanto, forjar fatos; a sua função seria de ordenar os dados situando-os e analisando-os segundo aspectos históricos e uso de ferramentas científicas. Devemos ter em conta que ao abordar um entrevistado, seria como se estivéssemos dando-lhe um objeto que há muito não era manipulado, segundo Maurice Halbwachs (1925), ao manipular um objeto, como um livro que nós gostávamos na nossa infância, retoma-se o estado de sensações que tínhamos de então; como uma reconstrução de um passado.

Desassociar o indivíduo de seu grupo seria como *desinstitucionalizá-lo*, retirar a sua identidade de grupo, tolher-lhe seu sentimento de pertencimento. O pertencimento a um determinado grupo existe pela sua identificação. Para Le Goff, a memória “é um elemento essencial do que se costuma chamar de *identidade*, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia.” (LE GOFF, 1996: 476, grifo do autor).

Quando realizamos uma entrevista, o indivíduo entrevistado não pode ser tomado em um isolamento. Devemos considerá-lo dentro de seu meio social e de seus grupos com suas interseções. Compreender esta rede de relações onde o indivíduo está inserido exige que busquemos previamente conhecimentos históricos de seus hábitos. Segundo os sociólogos Berger e Luckmann (2010), são as ações habituais dos indivíduos que os institucionalizam, já que um determinado hábito dirige e especializa a ação de um homem identificando-o com seus pares.

O pesquisador ao selecionar seu entrevistado precisa, portanto, conhecer historicamente o grupo no qual este indivíduo está inserido. Consideramos, pautados na teoria de Berger e Luckmann (2010), que a biografia de um indivíduo antecede a ele, sendo o grupo ao qual ele pertence o transmissor dos hábitos que permitirão a construção de sua trajetória. Logo, é pertinente o conhecimento do passado histórico, definido em nossa pesquisa sob o conceito de memória. Segundo Halbwachs (1990: 84) a “memória de uma sociedade estende-se até onde pode, quer dizer, até onde atinge a memória dos grupos dos quais ela é composta.” Mas, quando nos aproximamos desta memória, fazemo-lo a partir do lugar em que estamos inseridos no presente. É no tempo presente que temos a consciência da existência de uma sociedade, bem como de sua estruturação.

A antropóloga Mary Douglas afirma que quando “observamos mais de perto a construção do passado, verificamos que o processo tem muito pouco a ver com o passado e tudo a ver com o presente.” (DOUGLAS, 1998: 82). É no contexto presente que existem as instituições com as quais identificamo-nos.

Sendo o presente o momento de realização de uma entrevista, é neste momento que o pesquisador está interessado com suas buscas, expectativas e hipóteses. É também neste momento presente que o entrevistado está inserido. Apesar disso, durante uma entrevista, não é

o presente que interessa, mas aquilo que se pode contar sobre o passado, porém com interesses constantemente renováveis a cada novo instante, inclusive durante a realização da entrevista. O momento de uma entrevista dividir-se-ia, por conseguinte, em três: o presente do passado, o presente do presente (presente atual) e o presente do futuro. Estas três definições são elaboradas por Santo Agostinho em suas *Confissões* e retomadas por Paul Ricœur em sua obra *La mémoire, l'histoire, l'oubli* (2000).

Podemos considerar que durante uma entrevista o presente do passado seja o que entrevistado e entrevistador tem como memória, sendo exatamente essa memória do passado que permite a compreensão do que está sendo dito no presente. Sem um acesso constante à memória, o que está sendo dito no desenvolver da entrevista não seria compreensível.

O presente do presente (presente atual) é aquele que é constantemente renovado e por uma mínima fração temporal, se ‘presentifica’; poderíamos pensar no instante efêmero da construção de uma fala e sua escuta, pensar neste instante absolutamente curto, como se nós nos retivéssemos apenas ao som de uma palavra, talvez antes mesmo desta ser completamente dita. Ricœur nos diz que este presente atual se renova incessantemente com um “*chaque fois*” (RICŒUR, 2000: 40).

O terceiro momento, o presente do futuro, seria aquele em que se tem, ainda no presente, uma expectativa. No decorrer de uma entrevista, tanto entrevistado quanto entrevistador, articulam-se na construção de um discurso que tenha encadeamento e muitas vezes um objetivo de conclusão lógica. Concluir o que se está dizendo e concluir uma entrevista pressupõe chegar a um ponto final coerente e que, em muitos casos, atenda às hipóteses previamente estabelecidas não apenas pelo entrevistador, mas também pelo entrevistado, já que, este último, ao conceder o seu depoimento e ao construir sua narrativa sempre tem algum objetivo, algum interesse. Ao tratarmos de uma entrevista realizada por uma instituição, a exemplo das entrevistas para o acervo *Depoimentos para a Posteridade* (do Museu da Imagem e do Som), podemos considerar que o interesse, do entrevistado e do(s) entrevistador(es), é pressupostamente ampliado, dado ao lugar, condições e objetivos de sua realização.

### **Entrevistas entre memórias e história**

O historiador Pierre Nora em seu artigo *Entre Memória e História: a problemática dos lugares* (1993) nos traz uma distinção entre os usos dos termos memória e história. Para Nora, a memória está em permanente evolução, portanto viva, e constantemente atualizada por suas lembranças e esquecimentos; enquanto a história estaria localizada onde não existe mais a memória viva, logo, o historiador busca uma reconstrução daquilo que aconteceu.

Apesar de memória e história serem aparentemente próximas, principalmente em seus usos no senso-comum, percebemos que existe um embate entre as duas. “No coração da história trabalha um criticismo destrutor de memória espontânea. A memória é sempre suspeita para a história.” (NORA, 1993: 9). Entretanto é a história que dá o tom de ‘oficialidade’ ao passado, quando levamos em consideração uma nação, uma comunidade, um lugar ou um grupo. Por outro lado, costumamos dizer que a história resgata a memória de uma nação, por exemplo, preservando a sua identidade. Se seguirmos esta linha de raciocínio tem-se, grosso modo: memória → história → identidade. Porém, este encadeamento simples não se dá de uma forma tão objetiva como aparentemente parece ser. Faz-se mister atentarmos aos jogos de interesses, principalmente àqueles de ordem política, para o uso dessa simples lógica da passagem da memória à formação de uma identidade social e/ou nacional.

Os estudos mais recentes, dentre os historiadores, buscam uma aproximação entre a memória e a história. Muitas das novas formas de se ‘historiar’ lidam diretamente com a memória de um indivíduo, como é o caso das pesquisas que utilizam como fonte documental entrevistas, a história oral. O registro de diferentes narrativas permite ao pesquisador uma multiplicidade de informações. Esta multiplicidade ocorre justamente porque cada indivíduo fará o seu próprio relato, a seu ponto de vista. O entrevistado valoriza, como qualquer indivíduo, o que lhe é de maior relevância. Contudo, devemos ter a percepção de que tais escolhas, seleções e valorizações não advêm do indivíduo em si, mas sim do grupo social no qual ele se insere. O entrevistador, usando o exemplo supracitado de Halbwachs, é aquele que dá o “livro” que incitará o rememorar e a retomada de sensações do passado. O entrevistado rememorarão não apenas os fatos de uma forma puramente histórica e neutra de emoções, estas também estarão em seu depoimento, mas não devemos pensar que elas são exclusivas do indivíduo.

Ainda segundo Halbwachs, em uma obra publicada postumamente *L’expression des émotions et la société* (1947), nossas emoções, prazeres e dores pertencem aos grupos dos quais fazemos parte, aprendemos a expressá-los e a senti-los porque estamos inseridos nesses grupos (HALBWACHS, 1947: 9). Deve-se, entretanto, compreender que dentre os grupos sociais aos quais o entrevistado pertence está, inclusive, o novo grupo que se forma durante a entrevista, ou seja, entrevistado e entrevistador estabelecem uma relação de interesses sobre um passado que é assunto caro a ambos.

Outro fator também contribuinte a essa multiplicidade de informações que diferentes entrevistas sobre o mesmo assunto nos dão é a ausência do entrevistado em muitos dos momentos narrados, sendo, inclusive, alguns – ou muitos – desses momentos rememorados, isto é, oriundos de terceiros. Um partícipe de algum momento relatado, pode não ter presenciado determinado acontecimento, mas inserido socialmente e afetivamente no momento passado ao qual faz alusão, pode, à época do fato ocorrido, ter ouvido o relato de outrem e retê-lo em sua memória como se ele próprio o tivesse presenciado. Caberá, portanto, ao pesquisador realizar o



trabalho de cruzamento destes depoimentos e, com o apoio de suas ferramentas científicas, analisá-los. Os pesquisadores que trabalham com a memória devem ter como premissa toda essa multiplicidade e o entendimento de que “a memória é sempre transitória, notoriamente não confiável e passível de esquecimento; em suma, ela é humana e social.” (HUYSSSEN, 2000: 37); logo, uma memória única e verdadeira é utópica.

O pesquisador deve estar, ao realizar uma entrevista, atento a todos esses aspectos sociais imbuídos na prática de seu ofício. A percepção desses aspectos sociais é crucial não somente ao que diz respeito à memória, mas também aos aparatos técnicos da entrevista. Pois no lugar onde esta é realizada a situação e o envolvimento são criados. Além disso, existirá a presença de objetos tais como câmeras de vídeo, gravadores e microfones que sempre estarão intermediando a conversa; objetos que também estarão compondo este novo lugar de memória. Cada vez mais aumentamos o volume desses aparatos que nos permitem uma intensa produção de memórias, fazendo de uma entrevista não uma conversa informal.

Tudo aquilo que pertence a este novo lugar colabora a sua artificialidade; contudo, não se deve ter a ilusão de que iremos fazer um resgate ou uma reprodução de um passado fidedignamente. “Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos [...]” (NORA, 1993: 13), logo, o espaço onde se realiza a entrevista também é um lugar de memória, pensamos, pois, o que se faz é criar arquivo (oral) de uma memória que não é espontânea, mas estimulada. Por mais fiéis que possam parecer os registros de áudio e vídeo, seríamos incautos se acreditássemos que esses arquivos não são artificiais durante toda a sua produção (incluem-se aqui os momentos de pré e pós-produção).

Retomamos mais uma vez as questões iniciais sobre a realização de entrevistas ao pensarmos que o entrevistado pode consciente ou inconscientemente se indagar: o que eu estou falando é para o entrevistador ou para o microfone? Independentemente do aparato tecnológico a própria situação de entrevista já não é espontânea, um contato é previamente estabelecido, uma data é fixada e um local é definido, ou seja, existe o momento de pré-produção. O entrevistado fora anteriormente informado sobre o objeto da pesquisa e, inevitavelmente, faz algumas lembranças – prévias à entrevista – na tentativa de uma melhor articulação e encadeamento de suas ideias, além de também buscar histórias consideradas as mais interessantes, relevantes, engraçadas, tristes para quando estiver em contato com o entrevistador ou com uma instituição como o Museu da Imagem e do Som. “A necessidade desse *desvio* pela construção do espaço parece tão evidente quando é enunciada – quem pensaria em evocar uma viagem sem ter a ideia da paisagem na qual ela se realiza?” (BOURDIEU, 1996: 190). Poderíamos assim considerar que o contato prévio entre entrevistado e entrevistador possibilita a primeira ideia da arquitetura deste novo lugar de memória a ser estabelecido.

Da parte do pesquisador/historiador oral podemos considerar que desde o seu interesse pelo objeto; levantamento dos dados biográficos do indivíduo entrevistado, bem como de seu

grupo; estabelecimento do local da entrevista; clareza que desde o primeiro contato estabelecido com o entrevistado, por sua parte, este se integra pelo envolvimento com o assunto; enfim, durante toda essa fase de pré-produção à entrevista, estar-se-á ‘arquitetando’ um novo lugar de memória que se concretizará no ato da entrevista. Este novo lugar de memória não se dá apenas em seu aspecto físico, tudo o que o envolve – inclusive em suas abstrações – colabora a sua construção; é este conceito de lugar (*lieu de mémoire*) que defende Pierre Nora (1998).

Outro aspecto também deve ser percebido na construção desse lugar de memória: o tempo em que ele se produz. O que está em interesse é o passado, porém pelo viés do presente no qual a entrevista ocorre. “Assim como uma ‘memória enquadrada’, uma história de vida colhida por meio da entrevista oral, esse resumo condensado de uma história social individual, é também suscetível de ser apresentada de inúmeras maneiras em função do contexto no qual é relatada”. (POLLAK, 1989: 13).

O presente tem de ser tomado em conta em seu aspecto macro, ou seja, o período em que se insere o interesse pela pesquisa/entrevista, em seu aspecto de atualidade das pessoas envolvidas, bem como no momento do lugar onde se realiza a entrevista.

Pesquisar os dados históricos do grupo do indivíduo entrevistado fazendo-o a partir do presente; estabelecer o local da entrevista tendo a clareza que desde o primeiro contato estabelecido estar-se-á ‘arquitetando’ um novo lugar de memória que se concretizará no ato da entrevista; atentar-se durante a entrevista à congruência dos três momentos do presente, aos interesses tanto do pesquisador quanto do entrevistado e à presença intermediadora do contato estabelecido marcada pelo aparato técnico. Seriam estes os passos tomados pelo pesquisador para realizar uma entrevista, feito isso perguntamo-nos: qual o valor científico de todas as histórias narradas, de todos os fatos registrados? Podemos confiar nesta fonte produzida? Para estas questões usaremos os conceitos de Paul Ricœur (2000) sobre a memória.

Ricœur faz uma crítica àqueles que condenam a memória atrelando a ela uma ambição e uma pretensão de ser fiel ao passado. Para o autor, criticamos tanto a memória porque ela é a única forma que possuímos para significar o passado que declaramos com nossas lembranças. A imaginação, por exemplo, não sofre as mesmas críticas já que nasce irreal, fictícia e envolvida pelo campo das possibilidades. Usando um conceito já proposto por Henri Bergson, Ricœur (2000) nos propõe uma divisão entre *hábito* (memória-hábito) e *memória* (memória-lembrança). O *hábito* é aquilo que vivenciamos cotidianamente, aquilo que se repete sem que nos demos conta e do qual lembramos de forma livre e espontânea, mas que está na memória, pois é do passado. E a *memória* é aquela que não está no corpo cotidiano, é aquela que precisa ser estimulada e que a resgatamos ou evocamos através de imagens que construímos do passado.

E como construímos essa memória? Para uma melhor compreensão, ainda dentro do conceito de Ricœur (2000), é importante fazermos uma distinção entre *memória* e *lembrança*. Muitas vezes pensamos no senso-comum que tanto uma quanto a outra tem a mesma definição.

Contudo, ainda no senso-comum, sem refletir dizemos que temos muitas lembranças em nossa memória, sendo esta única e aquela múltipla. Lembrança nos remete ao verbo *lembrar* e memória a *rememorar*, definido assim, para Ricœur, o lembrar (*chose visée*) é espontâneo, enquanto o rememorar (*visée*) é a busca ativa que passa pelo lembrar para alcançar o registro que temos do passado. Quando visualizamos esse registro que temos do passado fazemos o acesso a nossa memória; por conseguinte o que visualizamos é nossa memória.

Dizer que a memória é o que se visualiza, leva-nos a pensar naquilo que é visto, visualizado. Tudo o que se vê, seja concreta ou abstratamente, pode ser definido como imagem. Antes, porém, devemos estar atentos à distinção entre dois verbos que podem incautamente ser tomados como sinônimos: *ver* e *visualizar*. Ver é perceber imagens, pelos olhos, daquilo que está a nossa frente; e visualizar é formar imagens em nossa mente. Logo, o que se vê é o que está no presente e o que vem do passado é visualizado. Consequentemente, nós entendemos que nossa memória é construída por imagens.

Para Paul Ricœur, qualquer indivíduo segue uma busca de verdade nas “coisas” passadas, naquilo que se viu, ouviu, experimentou etc.; e esta busca é cessada quando há um reconhecimento, sendo este o momento exato em que acaba o esforço do lembrar (RICŒUR, 2000). Este reconhecimento, citado por Ricœur, faz com que sintamos que algo aconteceu no passado, período no qual fomos agentes, pacientes, testemunhas. O autor nos propõe a pensar, não na verdade da memória, mas na verdade-fidelidade do lembrar.

As imagens impressas em nossa memória possuem uma verdade própria a elas mesmas. Para que o pesquisador, que usa como fonte os documentos orais, tenha em seu trabalho valor científico, ele precisa compreender todo o contexto tanto do tempo passado quanto o do presente, pois assim, ele está compreendendo a forma como essa imagem do passado foi impressa na memória. É preciso também ter uma consciência dos lugares de memória onde todas as imagens foram impressas e do novo lugar de memória que se produz no processo do antes e do durante à realização da entrevista. E é nesta compreensão e estudo do pesquisador/entrevistador – de tudo o que é pertinente ao seu assunto – que está a aproximação com a verdade do passado que existe para o entrevistado em seu processo de rememorar e narrar o que lhe é incitado pelo entrevistador.

Tratando-se dos cassinos, devemos também ter uma atenção especial ao lugar de memória dos mesmos, pois juntamente a seus aspectos históricos de memória, e também, de esquecimento, ter-se-á uma trajetória da própria instituição, sua trajetória e seus valores e interesse enquanto patrimônio.

Para os pesquisadores do passado, a verdade única não existe tampouco uma única memória, mas se soubermos entender as verdades que existem para um entrevistado dentro do que ele está relatando, compreendendo tudo o que está inserido em seu discurso (incluindo o não-dito, os esquecimentos, os silêncios, os porquês etc.) estaremos assim realmente usando as

possibilidades que nossas ferramentas científicas de análises nos permitem e, por conseguinte, nos aproximando de resultados mais sólidos, mesmo que nossas fontes não sejam documentos concretos.

## REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. O Narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: \_\_\_\_\_. **Magia e Técnica, arte e política: ensaios sobre a literatura e história da cultura.** 7ª edição. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade.** 32ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

BIAL, Pedro. **Roberto Marinho.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

BLOCH, Arnaldo. **Os irmãos Karamabloch: ascensão e queda de um império familiar.** São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BOECHAT, Ricardo. **Copacabana Palace: um hotel e sua história.** São Paulo: DBA, 1998.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (orgs.). **Usos e abusos da história oral.** Rio de Janeiro: FGV, 1996.

BRASIL. **Diário Oficial da União**, edição digitalizada, 27 de janeiro de 1925. Disponível em: < <http://www.jusbrasil.com.br/diarios/1759120/dou-secao-1-27-01-1925-pg-38/pdfView>>. Acesso em: 01 ago. 2011.

CAILLOIS, Roger. **Les jeux et les hommes.** 5 ed. Paris: Éditions Gallimard, 1967.

CASTRO, Ruy. **Carmen: uma biografia.** São Paulo: Cia das Letras, 2005.

CAVALCANTI, Diva. **Diva Cavalcanti.** Rio de Janeiro, 29 nov. 2011. Entrevista concedida a Antonio Tostes Baêta Vieira.

COELHO, Cibele. **Cibele Coelho.** Rio de Janeiro, 29 jan. 2012. Entrevista concedida a Antonio Tostes Baêta Vieira.

COSTA, Icléia. **Fragments discursivos de bairros do Rio de Janeiro: Urca.** Rio de Janeiro: UNI-RIO, 1998.

DOUGLAS, Mary. **Como as instituições pensam.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

GONÇALVES, José Reginaldo dos Santos. **Antropologia dos objetos: coleções, museus e patrimônios.** Coleção Museu, Memória e Cidadania. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

GUINLE, Jorge. **Um século de boa vida: memórias de um brasileiro que nunca trabalhou.** São Paulo: Globo, 1997.

HALBWACHS, Maurice. **Les cadres sociaux de la mémoire.** Paris: Félix Alcan, 1925. Disponível em: <[http://bibliotheque.uqac.quebec.ca/zone30/Classiques\\_des\\_sciences\\_sociales/index.html](http://bibliotheque.uqac.quebec.ca/zone30/Classiques_des_sciences_sociales/index.html)>. Acesso em: 05 abr. 2011.

\_\_\_\_\_. **L'expression des émotions et la société**. Échanges sociologiques. Paris: Centre de documentation universitaire, 1947. Disponível em : <[http://bibliotheque.uqac.quebec.ca/zone30/Classiques\\_des\\_sciences\\_sociales/index.html](http://bibliotheque.uqac.quebec.ca/zone30/Classiques_des_sciences_sociales/index.html)>. Acesso em: 05 abr. 2011.

\_\_\_\_\_. **A memória coletiva**. 2. ed. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais LTDA, edições Vértice, 1990.

HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens**: o jogo como elemento da cultura. 5 ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.

HUYSSSEN, Andreas. **Seduzidos pela memória**: arquitetura, monumentos, mídia. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 4ª ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1996.

MACHADO, Carlos; PINHO, Paulo de Faria. **Memórias sem maquiagem**. São Paulo: Livraria Cultura Editora, 1978.

MINET, Serge *et al.* **Du plaisir du jeu à la souffrance** : une enquête sur le jeu et la dépendance au jeu. Bruxelles: Rodin Foudation, 2004.

NAMER, Gérard. **Mémoire et société**. Collection « Sociétés ». Paris: Méridiens Klincksieck, 1987.

NEVES, Flávio. **Apostas encerradas**: o breve império do Cassino Quitandinha. Petrópolis, RJ: Globalmídia, 2009.

NEVES, Marcos Eduardo. **Nunca houve um homem como Heleno**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. São Paulo: **Projeto História** – Revista do Programa de Estudos pós-graduados em História e do departamento de História. Vol. 10, 1993.

\_\_\_\_\_. *La aventura de* Les lieux de mémoire. In: BUSTILLO, Josefina Cuesta (Ed.) **Memoria y Historia**. Madrid: Marcial Pons, 1998.

ORTIZ, Renato. **Cultura e Modernidade**: a França do século XIX. São Paulo: Brasiliense, 1998.

\_\_\_\_\_. **Cultura brasileira e identidade nacional**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

PARVULESCO, Constantin. **Casino**: Plaisir du Jeu. Boulogne-Billancourt: Editions Du May, 2008.

PERDIGÃO, João; CORRADI, Euler. **O Rei da Roleta**: a incrível história de Joaquim Rolla, o homem que inventou o Cassino da Urca e transformou a história do entretenimento no Brasil. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2012.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

RIO DE JANEIRO (Município). **Câmara Municipal**. Lei nº 5.076 de 15 de setembro de 2009. Tombamento do prédio conhecido como antigo Cassino da Urca. Disponível em: <[www2.rio.rj.gov.br/smu/buscafacil/Arquivos/PDF/L5076M.PDF](http://www2.rio.rj.gov.br/smu/buscafacil/Arquivos/PDF/L5076M.PDF)>. Acesso em: 19 set. 2011.

RICCEUR, Paul. **La mémoire, l'histoire, l'oubli**. Paris: Éditions de Seuil, 2000.

ROSSONI, Sirlei. **O Cassino Guarani: história, memória e personagens – Iraí-RS (1940-1946)**. Passo Fundo: UFP, 2001.

SEVCENKO, Nicolau. A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio. In: \_\_\_\_\_. (org.). **História da vida privada no Brasil: República: da Belle Époque à Era do Rádio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p. 513-619. Vol 3.

SIMMEL, Georg. **Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

WALKER, Douglas. **The economics of casino gambling**. New York: Springer, 2007.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Martin Claret, 2009.

### **Abstract**

This article, part of an investigation of three casinos in Rio de Janeiro (Atlântico, Copacabana e Urca), aims to cast issues and indicate paths about the uses and conducting interviews and understand the accesses to the memory when treating a subject rarely approached by historiography. This subject that has specificity as it deals with classes treated as social elites, that roughly are not the object of oral history's studies. This research considers the access to the memory itself and when one is questioned by another. This question becomes relevant when we discuss the memory and its truthfulness, where we will use Paul Ricoeur's concept, but we will expand a little more the question of the truth of memory when dealing with the memory of others.

**Keywords:** Memory; Oral History; Casino.